



A solução que não veio

Os hospitais de campanha passaram de solução temporária para desafogar a lotação nas unidades de saúde a elefantes brancos no estado do Rio. **PÁGINAS 8 E 9**

Avanços no desenvolvimento da vacina contra a COVID-19

PÁGINA 7

Atividades esportivas na Maré retornam gradualmente

PÁGINAS 10 E 11

A criminalização do funk tem um alvo: a preta, a pobre e a favelada

PÁGINA 14

DOUGLAS LOPES



A luta diária pela Educação

Em meio a adversidades, moradores de favela buscam caminhos para estudar para o ENEM durante a pandemia. Exame será realizado em janeiro de 2021, mesmo sem previsão para retorno de aulas presenciais.

PÁGINAS 4 E 5

Um mundo de catadores

Reconhecidos como classe trabalhadora desde 2002, os catadores de materiais sólidos – ou garimpeiros da reciclagem – relataram seus medos e dificuldades durante a pandemia e agora, com a reabertura dos serviços da cidade.

PÁGINAS 12 E 13

DOUGLAS LOPES



EDITORIAL

Aos poucos, a cidade do Rio vai reabrindo os serviços com a justificativa da diminuição do surgimento de novos casos. Os números mostram o contrário. No dia 21 de julho, a cidade do Rio apresentou 4,1 mil novos casos do novo coronavírus em 24 horas, o maior número desde 19 de junho, quando a cidade teve 6,1 mil pessoas infectadas no intervalo de um dia, de acordo com o Painel Rio COVID-19, da Prefeitura. Apesar da sensação de relaxamento que as autoridades têm passado nos últimos dias, ainda não estamos totalmente seguros. Nas últimas semanas de julho, o estado do Rio veio apresentando um aumento nos números de casos e mortes, assim como o Brasil. Na Maré, são 1.010 casos suspeitos e 425 casos confirmados do novo coronavírus, de acordo com os dados do 13º boletim *De Olho no Corona!*

Neste momento, é preciso seguir atento/a. Não esquecer do uso da máscara, manter a higiene, utilizando o álcool em gel na rua, lavar as mãos com frequência e respeitar o distanciamento quando estiver fora de casa. Além disso, para aqueles/as que podem ficar em casa, sair apenas em situações excepcionais.

Ao mesmo tempo, surge no final de julho a esperança da vacina. Pelo menos duas iniciativas demonstraram avanços no desenvolvimento das pesquisas e, em meio ao medo de conviver com o novo coronavírus, é bom receber uma notícia boa. Neste momento, é necessário valorizar o trabalho daqueles/as que estão trabalhando e pesquisando para desenvolver a vacina e lembrar da importância da Ciência para que as pesquisas sejam desenvolvidas.

A previsão do governo do estado para a reabertura total dos serviços é outubro. Vamos seguir esperançosos e aguardando notícias positivas sobre essa crise, que pode acabar um pouco antes da previsão, caso a população siga respeitando as normas de segurança e higiene. Até a próxima Edição!

Siga a **redes da maré** nas Redes Sociais

-  www.facebook.com/redesdamare
-  www.instagram.com/redesdamare
-  www.twitter.com/redesdamare
-  www.redesdamare.org.br

e fique por dentro das novidades!

CHARGE - RIBS



HUMOR

Em um mercadinho na Vila dos Pinheiros um espertinho no final do mês deseja um biscoito caro.

O dono do mercado pergunta se ele vai pagar em dinheiro ou cartão.

Rapidamente ele retira a única coisa que tem no bolso e grita: Aceita vale transporte?

Com a quarentena a filha ajuda a mãe nas tarefas de casa.

Mas a menina fica indignada ao ver sua camisa preferida que usou no Ré veillon, jogada no lixo.

A mãe explica: Joguei por causa da descrição. O que diz na camiseta?

A menina responde: Feliz 2020!

Um professora dando aula pela internet sobre dias da semana foi surpreendida com uma pergunta do aluno:

Como se fala cinco dias da semana, sem falar sábado, domingo e segunda-feira?

A professora pensou muito e acabou desistindo.

A criança responde: anteontem, ontem, hoje, amanhã e depois de amanhã.

ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!

comunicacao@redesdamare.org.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012

Nova Holanda - Maré

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242

Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276

www.redesdamare.org.br

comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz
Helena Edir

COORDENADORA DE

COMUNICAÇÃO:
Daniele Moura

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA

Andressa Cabral

COLABORARAM NESTA

EDIÇÃO

Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)

Jéssica Pires

Flávia Veloso

Matheus Affonso

FOTÓGRAFO

Douglas Lopes

REVISORA

Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO

Mórmula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque Gráfico do O Globo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todos os meses na maioria das residências das nossas favelas. Caso não chegue na sua, é só ir buscar na Associação de Moradores da sua comunidade. É gratuito. Leia também notícias fresquinhas do nosso bairro em www.mareonline.com.br

[@redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.instagram.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.twitter.com/redesdamare)

A pluralidade das favelas em um dicionário

Plataforma colaborativa produz conhecimento sobre favelas e periferias

JÉSSICA PIRES

O *Dicionário de Favelas Marielle Franco* é uma iniciativa que surgiu em 2019, para promover e estimular a produção do conhecimento coletivo sobre periferias e favelas. Em pouco mais de um ano, a plataforma digital já acumula mais de 500 “verbetes” produzidos pela equipe do dicionário, em colaboração com coletivos e organizações e por pessoas que, de forma espontânea, podem acessar diretamente o portal. Um dos objetivos da ação é favorecer a preservação da memória das favelas e moradores.

Os verbetes, como são chamadas as inserções de textos, vídeos e fotos, podem ser cadastrados por qualquer pessoa na plataforma. A expectativa da equipe do dicionário era de atingir 150 verbetes em um ano, mas o número já chegou a 562.

Atualmente, a equipe é composta por 12 participantes, incluindo o pessoal de tecnologia. São cinco pesquisadores responsáveis pela produção, que contam com a colaboração voluntária de coletivos, organizações, pesquisadores e moradores de favelas para a produção de todo o conteúdo disponível.

Democratizar a produção de conteúdos sobre favelas



Como uma das apoiadoras do dicionário, Marielle Franco possui um verbete de sua autoria

DOUGLAS LOPES



Moradores de favelas e periferias, além de pesquisadores, podem colaborar enviando verbetes para o dicionário

A proposta do dicionário é que pesquisadores e moradores de todos os territórios possam produzir e disponibilizar este conteúdo em um mesmo ambiente, para que não exista uma hierarquização do material. A coordenadora geral do *Dicionário de Favelas Marielle Franco*, **Sonia Fleury**, comenta: “A ideia é de democratizar, promover a construção de cidadania, dar espaço aos sujeitos políticos que se constituem na favela para expressar seus pontos de vista e disputar narrativas sobre suas próprias vidas.”

“As narrativas sobre favelas construídas pelos veículos hegemônicos e tradicionais

de mídia não contemplam a favela. Portanto, elas precisam ser disputadas”, afirma a jornalista **Daiene Mendes**. A mídia que informa e participa da formação de opinião dos brasileiros é administrada por pessoas de classes sociais e vivências distantes da realidade das favelas. Dessa forma, estes territórios são comumente representados por estereótipos negativos. A dinâmica mudaria, se as pessoas que vivenciam o cotidiano das favelas tivessem espaço nesses veículos de produção de informação.

“A importância e a relevância do Wikifavela (como o dicionário também é chamado) é contar sobre uma favela que não é mostrada na mídia tradicional. Mostrar a outra favela que existe para além da diferença”, complementa **Gabriel Nunes**, pesquisador do Dicionário de Favelas.

Pluralidade vista no conteúdo

A diversidade vista nos territórios de favelas também é percebida no conteúdo disponível no dicionário. Os temas são variados: habitação, saúde, mobilidade, presença do Estado e o mercado nas favelas; a maneira

com que a favela se socializa e expressa a Cultura. Debates sobre gênero e sexualidade também têm crescido, informou a equipe do projeto.

A diversidade de pessoas que produzem o conteúdo também possibilita que os temas sejam desenvolvidos de pontos de vista diferentes: “Muitas vezes, a história da mesma favela é contada de formas diferentes por moradores variados e pesquisadores que atuaram nessas localidades, por exemplo”, diz **Palloma Menezes**, coordenadora de produção de verbetes do dicionário.

Durante a pandemia

Durante a pandemia, surgiu a necessidade de documentar também as ações que acontecem nas favelas do País. Apesar de um foco maior ainda ser os coletivos e organizações do Rio de Janeiro, estão mapeados e reunidos aqueles que promovem alguma iniciativa de contenção do vírus ou de solidariedade em alguns pontos do Brasil. Prestação de contas e notícias das mídias comunitárias também estão disponíveis no *site*.

Acesse e colabore com o **Wikifavela**:
<https://wikifavelas.com.br/>

Sem condição não tem Graduação!

Mareenses enfrentam dificuldades para estudar para vestibular

FLÁVIA VELOSO

Durante uma palestra *on-line*, um professor de Direito Constitucional contou da experiência que teve em sala de aula com os alunos e uma amiga professora uruguaia. Falando sobre acesso à Educação no Uruguai, a convidada causou surpresa aos alunos, ao dizer que fazer faculdade no seu país é gratuito e de acesso livre. Isso quer dizer que qualquer cidadão uruguaio que quiser se graduar, depois de terminado o Ensino Médio, pode se inscrever em uma das universidades públicas disponíveis no país e estudar.

A Constituição vigente na República Oriental do Uruguai assegura que toda a formação acadêmica, da infância à vida adulta, seja completamente acessível a todos e todas. Em teoria, a Constituição brasileira deveria funcionar da mesma maneira, já que todo cidadão tem direito à Educação e essa condição deve ser assegurada pelo Estado. Contudo, o que se vê no Brasil é um abismo que separa o ideal e a realidade.

Com um sistema que filtra o merecimento do estudante pela nota, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é a maior porta de entrada para universidades públicas e privadas do País. Os milhões de inscritos, por ano, concorrem para milhares de vagas em cursos

DOUGLAS LOPES



Vivian Lee teve de adaptar o espaço de sua casa para conseguir estudar para o ENEM, que vai acontecer em 2021

superiores, mas só garantem um lugar aqueles que mais se aproximam do ideal: quem tem boas condições para estudar.

Durante a pandemia da COVID-19, com as aulas presenciais suspensas do Ensino Infantil ao Superior, a maneira mais eficaz de transmitir conteúdo passou a ser *on-line*. Contudo, a falta de internet domiciliar como principal meio de estudar afastou ainda mais o sonho da universidade de quem mora na favela. Historicamente negligenciada por quem governa o País, a Educação de quem mora na favela não é prioridade de investimento, menos ainda em meio à pandemia.

Enfrentando barreiras em família

A falta das aulas presenciais tem sido um desafio para **Andreyna Rodri-**

gues, 19 anos, moradora do Morro do Timbau, que tinha tudo planejado para concorrer a uma vaga na universidade: “Me planejei para estudar esse ano e passar no vestibular, mas veio a pandemia, então as aulas presenciais do pré-vestibular comunitário, que faço no Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), pararam. As aulas foram retomadas virtualmente, mas é muito difícil se concentrar, porque ando muito ansiosa desde que o isolamento social começou. Minha internet é instável, mas ainda dá para assistir a algumas aulas, só que muita gente não tem nem internet”, conta a jovem sobre sua experiência de lidar com o desafio do vestibular durante o isolamento social.

Mãe de Andreyna, **Vivian Lee**, de 34 anos, também está inscrita no

Exame. Ela tenta conciliar o estudo com seu papel de mãe, de não deixar o desânimo vencer a filha, que pretende cursar Direito ou Relações Internacionais. Vivian enfatiza o problema que tem para acessar os conteúdos virtuais: “A internet no Timbau é muito ruim. A gente já até tentou falar com a Oi sobre isso, mas parece que o sinal daqui é mais fraco que em outros lugares. Outra dificuldade é que não possuímos computador, temos de ver tudo por celular, mas dá para usar os materiais em PDF enviados por mensagem, que a gente pode imprimir e estudar.”

Maré sem sinal

A conexão ruim tem sido um dos maiores problemas das favelas, em especial a Maré, e atrasou os planos de um curso pré-vestibular comunitá-

rio inteiro. Foi o que aconteceu com a *UniFavela*. Nascido em 2019, na Vila do João, o curso aprovou todos os seus alunos em universidades no último ENEM e no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse ano, o curso foi beneficiado pelo projeto *4G Para Estudar*, que doou *chips* de celular pré-pagos a vestibulandos de periferias em todo o País. Ainda assim, o problema de sinal de celular na Maré não se resolve.

“Ficamos muito felizes de formar essa parceria, mas infelizmente o 4G na favela não funciona, independentemente da operadora. Cogitamos pagar planos de banda-larga para os alunos, mas as duas redes disponíveis - da própria favela e da Oi - são muito limitadas. Agora temos de encontrar outros meios”, explicou **Laerte Breno**, fundador da *UniFavela*, educador, pesquisador e estudante de Letras.

Um mapa desenvolvido pelo *site* e aplicativo nPerf mostra a qualidade de cobertura 3G, 4G e 5G em todo o País, e é possível visualizar a área da Maré.

Identifica-se que as cinco operadoras mais usadas no Rio - Claro, Vivo, Tim, Oi e Nextel - quase não pegam ao longo das 16 favelas, destacando Claro e Vivo, que aparecem com uma cobertura mais moderada.

Pré-vestibulares da Maré buscam soluções

O pré-vestibular comunitário *Rede de Saberes*, que funciona na Nova Holanda e na Vila dos Pinheiros, vinha oferecendo conteúdo por *lives* com estudantes e arquivos por redes sociais, desde o início do isolamento social. Entretanto, quase a metade dos matriculados não possui internet em casa. “Nós mantivemos as atividades, mas preocupados com os alunos que não têm internet, buscamos parcerias, até encontrar uma iniciativa nova, tocada por dois meninos, que é o *ENEM do Bem*. Eles fizeram uma ‘vaquinha’, elaboraram uma apostila sobre os conteúdos do Exame e doaram apostilas para todos os alunos que não estavam conseguindo acessar o conteúdo *online*. Os professores do pré-vestibular avaliaram

e aprovaram o material, que já está sendo distribuído”, conta **Luana da Silveira**, coordenadora executiva do curso e formada em Serviço Social.

A preparação para o vestibular pode ser altamente estressante para algumas pessoas e as preocupações a mais, trazidas pelo desamparo frente ao novo coronavírus, se somam e potencializam os problemas psicológicos. “Pegar um caderno hoje, abrir e sentar numa mesa para estudar pode ser um processo muito doloroso, e isso também estava acontecendo com os professores. Então, fizemos um levantamento e conseguimos chamar uma equipe de psicólogos, que atendem os alunos e professores, e tem sido ótimo”, disse Laerte Breno.

Combate à desigualdade social

Moradora das Casinhas (Baixa do Sapateiro), **Isabelle Reis**, de 17 anos, mora com a mãe e o irmão pequeno, e são poucos os momentos de privacidade que ela tem ao longo do dia, para se concentrar em estudar para o ENEM e terminar o último ano do Ensino Médio, que cursa no Colégio Estadual Amaro Cavalcanti. Para a jovem, as condições para estudar sempre foram desfavoráveis, devido à falta de estrutura que não permite que Isabelle - e outros milhões de favelados e periféricos - se concentrem em aprender. “Se eu estivesse estudando sozinha, sem a ajuda de pré-vestibular, estaria

completamente perdida. Também não consigo acompanhar direito a EAD do Colégio, e acabo com medo de repetir o ano, o que me desanima ainda mais para o ENEM, pois não tem sentido fazer o vestibular se eu não concluir o 3º ano”, desabafou a mareense.

A desigualdade social é a ferramenta que tenta incapacitar milhões de pessoas que buscam ingressar em uma faculdade. Ao manter o ENEM em uma data tão próxima (provas impressas nos dias 17 e 24 de janeiro; provas digitais em 31 de janeiro e 7 de fevereiro) no contexto de pandemia, o Estado demonstra não se importar com os projetos de vida dos cidadãos periféricos, contribuindo ainda mais para a desigualdade.

Citando o educador e filósofo pernambucano Paulo Freire, patrono da Educação brasileira, Laerte Breno comenta: “A educação serviu sempre para invisibilizar o negro, tanto excluindo pensadores negros quanto negando esse direito a alunos negros, pobres e favelados. O problema hoje não está na Educação, mas na desigualdade e na exclusão social. Só debater sobre educação não é suficiente. Paulo Freire dizia que a Educação sozinha não transforma a sociedade. Temos de discutir segurança pública, saneamento básico, saúde, também a educação... Tem de ser tudo isso”, conclui Laerte.



Iniciativas têm desenvolvido apostilas para que alunos possam estudar

Dados que projetam avanços

Como a equipe da Campanha *Maré Diz NÃO ao Coronavírus* vem organizando as mais de 70 mil mensagens de interesse por cesta básica recebidas



KAMILA CAMILLO

Equipe da Campanha durante cadastro de moradores que receberam cartão com valor equivalente ao da cesta

FLÁVIA VELOSO

Dificilmente alguém imaginaria, no meio do Carnaval, que teria de ficar em casa o máximo possível para não contribuir com o contágio de uma doença nova que deixou milhões de pessoas doentes em todo o mundo. As favelas e periferias sentiram imediatamente impactos negativos: perda de empregos, interrupção das aulas presenciais, preocupações a mil e, mais importante, não conseguir colocar comida na mesa.

Dezenas de organizações não governamentais e associações de moradores de todo o Rio se mobilizaram para, mais uma vez, tapar os buracos deixados pela ausência de ações do Estado, dessa vez para ajudar a manter a alimentação nas moradias faveladas.

Fluxo intenso de mensagens

Quem organiza a Campanha *Maré Diz NÃO ao Coronavírus* não podia pensar que tanta gente fosse entrar em contato por telefone para pedir cesta básica. Foi feita uma articulação com organizações locais e associações de moradores para criar um banco de dados com cerca de 5 mil famílias mais

vulneráveis. A partir disso, a procura só aumentou e foi criado um canal de cadastro via Whatsapp, onde 17 mil pessoas entraram em contato com a Redes da Maré, num total de mais de 70 mil mensagens, tomando grandes proporções.

“Nós não tínhamos como atender todas essas pessoas, então iniciamos um processo de entrevistas sociais com as famílias. O banco de dados cresceu para 15 mil famílias, e a ideia é entender quais são as mais vulneráveis para conseguir ajudá-las, entregando três cestas básicas”, contou **Lidiane Malanquini**, coordenadora do eixo de Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes.

O período de pedido de cesta foi da segunda quinzena de março a 11 de abril, mas foi só em julho que todas as mensagens foram lidas e respondidas. A maior preocupação era não conseguir atender às demandas dos moradores. “A equipe no início era muito pequena, então a gente foi aumentando para dar conta. Fazíamos plantões de segunda a segunda, das 7 da manhã às 2 da manhã. Um trabalho de formiguinhas,

mas que acredito que tem dado muito certo”, conta **Patrícia Ramalho**, assistente social e coordenadora do projeto *Maré de Direitos*, do eixo de Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça, que fez parte da primeira equipe de respostas às mensagens de WhatsApp.

Doralice Soares, que trabalha na Redes em projetos com o parceiro Action Aid, está colaborando com a equipe há cerca de um mês, fazendo entrevistas sociais. Ela conta que uma das partes mais complicadas deste trabalho é conseguir entrar em contato com as pessoas, devido à má qualidade de sinal de telefonia e internet na Maré. “O ritmo é intenso, desde a hora que chego no Centro de Artes da Maré até a hora que saio, só paro para comer. A dificuldade é o telefone e a internet na Maré não funcionarem bem, aí a gente não consegue falar com as pessoas”, disse Doralice.

Pensando ações futuras

Ter um banco de dados como este possibilita que os moradores e organizações pensem e planejem ações para melhorar a qualidade de vida e a garantia de direitos. No caso do banco criado a partir da Campanha *Maré Diz NÃO ao Coronavírus*, pode-se traçar diversos perfis socioeconômicos que ajudam a identificar demandas por educação, lazer, segurança pública, saneamento básico, entre outros, como explica Patrícia: “Tem uma gama de informações importantes para as ações que a gente já faz no território e para o futuro, e usar isso a favor dos moradores. O trabalho da Redes pós-pandemia vai ser muito pensado a partir dos dados que a gente conseguiu com a Campanha. Queremos voltar nossas ações para estas famílias mais vulneráveis, é uma oportunidade de chegar a mais pessoas, com novos projetos e parcerias.”

SAIBA MAIS
Para mais informações sobre a campanha, acesse www.redesdamare.org.br

O mundo de olho em uma vacina

A imunização como futura solução para o fim de uma pandemia

HÉLIO EUCLIDES

Quem gosta de emoção já deve ter acompanhado uma prova de Fórmula 1 ou até mesmo uma Corrida de São Silvestre. Mas com a pandemia em vigência, a corrida que queremos ver é a da vacina para o fim da COVID-19. A possibilidade de se ter uma vacina traz esperança e ansiedade, tanto para quem ainda está isolado quanto para quem sai diariamente para trabalhar, mas tem medo de adoecer. No Brasil, duas iniciativas estão em andamento: uma do laboratório chinês Sinovac Biotech com o Instituto Butantã, em São Paulo e outra da Fiocruz com a Universidade de Oxford, da Inglaterra, e a biofarmacêutica Astra-Zeneca.

No dia 20 de julho, foi anunciado que a vacina da Sinovac chegou no estado de São Paulo e seria aplicada em profissionais da área de Saúde. Já a vacina de Oxford apresentou resultados positivos e, em breve, iria para uma nova etapa, a de testagens e futura produção na Fiocruz. Para saber mais sobre a pesquisa carioca, o Maré de Notícias entrou em contato com a Bio-Manguinhos.

1. Como é a parceria da Fiocruz com a Universidade de Oxford?

A Bio-Manguinhos/Fiocruz discute o estabelecimento do acordo para a compra de lotes e transferência de tecnologia com a biofarmacêutica Astra-Zeneca, que é a detentora dos direitos de comercialização da vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford, que se encontra em estágio de estudos clínicos de fase III.

2. Como serão as duas etapas da vacina?

A primeira consiste na compra de 30,4 milhões de doses do ingrediente farmacêutico ativo (IFA), durante a realização dos estudos clínicos, para



Fiocruz poderá desenvolver vacina no Brasil

BERNARDO PORTELLA/FIOCRUZ



Uma das etapas de produção de vacinas no Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos da Fiocruz

processamento final, que é formulação, envase, rotulagem, embalagem e controle de qualidade pela Bio-Manguinhos. Este quantitativo de IFA será fornecido em duas parcelas, sendo metade das doses em dezembro/2020 e a outra metade em janeiro/2021. Após o processamento, será necessário aguardar o registro pela Anvisa para que a vacina possa ser distribuída.

A segunda etapa começa após os ensaios clínicos e com a eficácia da vacina comprovada, garantindo a aquisição de mais 70 milhões de doses do IFA. Nesse momento, a tecnologia já vai ter sido compreendida e será possível garantir a própria independência nacional na produção da vacina.

3. É possível que a primeira vacina seja criada no Brasil?

A vacina está em desenvolvimento pela Universidade de Oxford; portanto, é provável que o primeiro registro ocorra na Inglaterra, mas também pode acontecer de o registro no Brasil ser concedido ao mesmo tempo.

4. Existe uma previsão de quando teremos a vacina?

Receberemos as primeiras doses do IFA em dezembro, para processar, realizar o controle de qualidade e aguardar a autorização da Anvisa para distribuir. Tem ainda o tempo da logística para envio aos postos de vacinação. Nós entregamos em uma central do

Ministério da Saúde, que é responsável pela distribuição em nível nacional, e nossa expectativa é que isso aconteça nos primeiros meses de 2021.

5. Essa vacina será como a H1N1, que precisa ser aplicada todo ano?

Os estudos clínicos de fase III, em andamento, demonstrarão por quanto tempo a vacina manterá as pessoas imunizadas. É preciso aguardar os resultados.

6. Vai ter alguma recomendação sobre quem tomará primeiro?

A estratégia de quais públicos serão priorizados conforme a disponibilidade das doses é do Programa Nacional de Imunizações/Ministério da Saúde. A perspectiva é que os grupos mais vulneráveis sejam os primeiros a receber a vacina.

7. Como a Fiocruz se sente estando nesta pesquisa?

O momento demonstra a importância da Ciência e reforça nossos 120 anos de compromisso com a Saúde Pública. Soma-se – com destaque – a momentos do passado, em que pudemos demonstrar isso, como em nossa participação na erradicação da varíola, na eliminação da poliomielite e, mais recentemente, no controle da febre amarela e do sarampo, dentre outros.

Elefantes brancos da pandemia

Hospitais de campanha deixam de ser solução para virarem problema

HÉLIO EUCLIDES

“**V**amos celebrar nosso governo. E nosso Estado que não é nação. Vamos celebrar epidemias. É a festa da torcida campeã...” esse trecho da música *Perfeição*, de composição de Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Russo, foi lançada em 1993, mas continua atual nos dias de hoje. Com a pandemia, vieram ideias mirabolantes. Os hospitais de campanha é um desses projetos, que nasceram para desafogar as unidades de saúde, mas não chegaram a funcionar como planejado, seja por falta de pessoal, de equipamentos, de remédios, além de confusões nas inaugurações e administrações.

Toda a desordem começou com o governo federal desconsiderando a pandemia e, em alguns momentos, chegando a atrapalhar ações realizadas por instituições de Saúde. O Supremo Tribunal Federal (STF) entrevistou, assegurando aos governos estaduais, distrital e municipais competência para a adoção de medidas restritivas durante a pandemia da COVID-19. A partir daí, estados e municípios decretaram calamidade pública com a flexibilização na contratação de pessoal e na compra de bens e serviços. Isso facilitou as licitações contraditórias e, em alguns casos, sem concorrências. Ainda assim, relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) mostrou que o Rio de Janeiro foi um dos estados que menos receberam recursos financeiros do Ministério da Saúde.

No Rio de Janeiro, a única solução apresentada foi a construção dos hospitais de campanha, unidade que pode ser construída em diferentes locais e depois desmontada, com funcionamento temporário. O artifício para a construção era desafogar o sistema tradicional de Saúde das regiões afetadas pelo coronavírus. Da Prefeitura veio a promessa de duas unidades: o hospital do Riocentro, em Jacarepaguá, com 500 leitos, foi inaugurado; o outro em Santa Cruz, que só seria construído quando todos os leitos da cidade estivessem ocupados.

O governador do Estado, Wilson Witzel prometeu que construiria nove hospitais até o dia 30 de abril. Desses, dois são de administração privada, pela Rede D’Or, no Leblon, e o segun-

MAURICIO BAZILIOISES



Dos sete hospitais de campanha que seriam construídos e geridos pelo Estado, apenas dois foram inaugurados

do no Parque dos Atletas, na Barra da Tijuca. Contudo, os sete hospitais que seriam administrados pelo governo estadual enfrentaram problemas e os prazos não foram cumpridos. Surgiu a “novela” dos hospitais de campanha.

Prometidos pelo governo do Rio de Janeiro para o fim de abril, o hospital do Maracanã, localizado no Estádio Célio de Barros, foi inaugurado no dia 5 de maio e o de São Gonçalo só no dia 18 de junho. Os hospitais de São Gonçalo e Maracanã estão sendo administrados pela Fundação Saúde, da própria Secretaria de Estado de Saúde (SES-RJ), já que o governo do estado rompeu com a organização social Instituto de Atenção Básica e Avançada à Saúde (IABAS), após atrasos na construção e uma série de denúncias de irregularidades. Mesmo assim, o IABAS recebeu R\$ 256 milhões.

“**Construir os hospitais de campanha foi dinheiro jogado fora. Tinha de investir no Sistema Único de Saúde, no tratamento primário.**”

DANIEL SORANZ, doutor e mestre em Saúde Pública, professor e pesquisador da Fiocruz

Os outros cinco não foram inaugurados. A Secretaria de Estado de Saúde informou que os hospitais de campanha de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e Nova Friburgo foram concluídos e não serão inaugurados. Eles seriam usados como leitos de retaguarda. O mesmo acontece com o hospital modular de Nova Iguaçu. Já as unidades de Casimiro de Abreu e Campos dos Goytacazes tiveram suas montagens interrompidas. Nessas regiões, caso haja necessidade de ampliar os leitos de atendimento dos pacientes com COVID-19, a SES irá pactuar a utilização de leitos nas redes privadas de Saúde.

Apesar de não entrar na contagem dos hospitais de campanha, a unidade de Bangu foi construída no Complexo Penitenciário de Gericinó. O hospital de campanha para tratar da população carcerária do Rio de Janeiro com suspeita de COVID-19 não foi entregue. Há suspeitas de irregularidade na licitação.

Quem sair por último, apague a luz

Com acusações de irregularidades e corrupção, a SES vive uma crise, com compra de material superfaturado e administração desastrosa do IABAS.

Em meio à pandemia, já ocorreu a troca de secretários por duas vezes. Fernando Ferry ficou no cargo por apenas um mês e quatro dias, quando assumiu a Secretaria no lugar de Edmar Santos, exonerado em meio às investigações.

Os problemas começaram após o Ministério Público Federal apontar para um grande esquema na cúpula do governo do estado suspeitas de desvio de dinheiro público, com a prisão do ex-subsecretário de Saúde Gabriell Neves. Desde então, vários personagens do suposto esquema de corrupção, investigados em operações distintas, foram presos ou sofreram buscas e apreensão em suas residências e escritórios.

Além disso, no início deste mês, a Assembleia Legislativa do Rio (ALER) decidiu instaurar processo de *impeachment* contra o governador Wilson Witzel. O último capítulo desse folhetim foi o fechamento temporário das atividades dos hospitais de campanha do Maracanã e de São Gonçalo. Funcionários da unidade do Maracanã alegam salários atrasados.

A importância do investimento correto

Vinicius Gama, morador da Vila do João, não acredita na relevância do projeto provisório feito para o enfrentamento da COVID-19. “Vejo que os hospitais de campanha não eram necessários, o que tinha de fazer era dar condições para os funcionários da Saúde trabalharem nos hospitais existentes e nas UPAs”, diz. Ele vê com



Após acusações de corrupção, secretário de saúde anuncia fechamento de hospitais de campanha em agosto pesar a corrupção na política de Saúde estadual. “Infelizmente, o que realmente aconteceu foi que pessoas se aproveitaram de cargos de confiança para desviar recursos da Saúde no momento em que vivemos uma pandemia”, conta.

Este é o mesmo pensamento de **Daniel Soranz**, doutor e mestre em Saúde Pública, professor e pesquisador da Fiocruz. Para ele, foi um grande desperdício e absurdo. “Foi dinheiro jogado fora. Tinha de investir no Sistema Único de Saúde, no tratamento primário. Enquanto temos hospitais luxuosos de campanha no Riocentro e Maracanã, a UPA Maré está caindo aos pedaços, soltando o piso; o Centro Municipal da Vila do João não tem nem tinta para pintar as paredes; e na Nova Holanda, a Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva não teve, até hoje, a ligação elétrica feita. Isto é desconhecer a cidade”, comenta.

“No hospital de campanha do Rio-

centro o máximo de leitos ocupados foi de 110, enquanto o Hospital de Acari está com 150 leitos fechados. Próximo à Maré, o Hospital Estadual Anchieta, no Caju, são 75 leitos fechados”, expõe. O médico acredita que o governo federal também é culpado por se ausentar de ações e por não investir nos hospitais federais Clementino Fraga Filho, no Fundão, e no Hospital Federal de Bonsucesso, ambos com 200 leitos fechados cada. Segundo Daniel, há um total de 900 leitos municipais, 950 federais e outros 200 estaduais fechados, por falta de pessoal especializado.

O pesquisador lembra que, quando começou a pandemia, os técnicos avisaram para que não se fizesse hospital de campanha, pois era algo sem sentido. “Os governos investiram, acho que para ter visibilidade e tentar votos futuros. O pico da doença na cidade foi em maio, mas até hoje ainda se tem hospital em construção. Não há legado nenhum para a população, com equipamentos temporários, além de ser um rombo no orçamento público”, conclui.

Um bom exemplo de administração

Inaugurado em 19 de maio, o Centro Hospitalar para a Pandemia de COVID-19 – Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), funciona no *campus* do Instituto Oswaldo Cruz, com 195 leitos. Construído em regime emergencial para unir esforços no fortalecimento da rede de Saúde, o hospital possui características específicas que o diferem das unidades de campanha que estão sendo erguidas pelo País e que terão funcionamento temporário. O hospital vai permanecer como um legado para o Sistema Único de Saúde, pós-pandemia.



Gerido pela iniciativa privada, hospital de campanha do Leblon foi o primeiro a ser inaugurado

Todos no mesmo time

Rotina de treinamentos de atletas da Maré sofreu modificações durante a pandemia



DOUGLAS LOPES

Aos poucos, quadras e academias da Maré voltam a ser ocupadas por crianças e jovens que praticavam atividades físicas

THAÍS CAVALCANTE

Os moradores que são atletas, esportistas e jogadores da Maré viram a pandemia do novo coronavírus paralisar seus treinos, campeonatos e perceberam o fechamento dos espaços que oferecem atividades físicas, desde o mês de março. Assim como as quadras, campinhos e ruas das favelas ficaram vazias, os grandes estádios do mundo todo também.

Suspender as atividades foi uma ação orientada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelas autoridades governamentais, para conter o avanço da doença. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Verão, que aconteceriam nos meses de agosto e setembro desse ano no Japão, por exemplo, foram remarcados para 2021. No Brasil, com a reabertura dos serviços e apesar de a pandemia ainda não estar controlada, o retorno das atividades esportivas ofi-

ciais é feito em etapas: os Campeonatos estaduais retomaram seus jogos no mês de junho, sem a torcida, e a Copa do Brasil volta em agosto.

O desejo de voltar à rotina é grande e o número de infectados pela COVID-19 ainda preocupa. A Maré é o Complexo de Favelas com mais casos de contaminação e óbitos da cidade do Rio de Janeiro. São 1.435 casos e 118 vítimas da doença, entre confirmados e suspeitos, de acordo com o levantamento do boletim *De Olho no Corona!*, na 13ª Edição, de julho de 2020

Esse movimento de retomada aconteceu rapidamente nas favelas e os apaixonados pelas atividades físicas foram grandes apoiadores. As academias voltaram a funcionar, as caminhadas pela Cidade Universitária são cada vez mais frequentes e até os torneios de futebol já estão sendo

programados nos campinhos. A Prefeitura do Rio de Janeiro liberou as atividades físicas individuais ao ar livre, mas nem todos concordam com a medida.

Jogo de perseverança e cuidado

Para **Edson da Silva**, presidente e fundador da Associação Esportiva Beneficente Amigos da Maré (AEBAM), essa foi a primeira vez, em 20 anos de Escolinha, que

seus 120 alunos ficaram sem treinos por tanto tempo. As equipes de meninos se dividem nas categorias Sub 10, Sub 13, Sub 15 e Sub 17 e costumam treinar no campo da Rubens Vaz. “Mesmo que exista um impacto financeiro e o entendimento de que a atividade esportiva na rotina diária das crianças é um incentivo de algo melhor para elas, entendemos que a suspensão das aulas é o melhor a ser feito neste momento”, afirma o presidente da AEBAM.

Os treinos fazem tanta falta, que as famílias dos jovens procuram Edson, perguntando sobre a volta das aulas presenciais, que ainda não têm previsão de retorno. Ele espera que o futuro da escolinha seja de muito trabalho: “Que consigamos nos recuperar para dar continuidade e que, a partir de tudo o que está acontecendo, tenhamos saído desta pandemia pessoas melhores. Que sejamos pessoas que acreditam em nossas crianças, inclusive nas que moram nas favelas, que mais precisam da atenção dos governantes”, observou.

Enquanto a rotina de trei-



DOUGLAS LOPES

Após liberação das atividades físicas, o professor Edson da Silva mata saudade do campinho ainda vazio

amentos não volta de forma tradicional, o jeito para lutadores é se adaptar e treinar em casa. É o que tem feito o jovem de Faixa Amarela, Lucas Santana. Ele fez de seu quarto o seu tatame e conta com o apoio de sua mãe **Jacilda de Araújo**, para acompanhar seu crescimento na arte marcial. “Os treinos foram cancelados e ele está fazendo *drills*, que são posições de repetição de luta. Além de exercícios também, como flexões e abdominais”, conta.

Lucas Van Van, como é conhecido no *Jiu-Jitsu*, participa do projeto social Maré Top Team, que é perto de sua casa, no Parque União. Durante a quarentena, a proximidade com o seu mestre Douglas continua: responde às dúvidas via mensagem e ligação sempre que precisa. Uma rotina diferente daquela que Lucas, que competiu na Califórnia em fevereiro desse ano, não imaginava viver. Mas Jacilda acredita em dias melhores e torce para que, nem nos treinos e nem nas escolas, tenha alunos abandonando as atividades. Por toda a sua

vivência, ela afirma: “O esporte na Maré salva vidas.”

O time que não saiu de campo

Em outra parte da Maré, a bola se movimenta nos pés dos meninos que participam da Escolinha Amigos Unidos. Cerca de 120 crianças treinam, semanalmente, no Parque Ecológico da Vila do Pinheiro, mais conhecido como *Mata*. Quem lidera o grupo é o professor **Alexandre Pichetti**. Mesmo com a pandemia não dando trégua, ele garante que foi o único treinador que não parou por causa do novo coronavírus, mas continuou com os cuidados diariamente. “Eu trabalho todos os dias, com todas as faixas etárias e nós não paramos. Na fé de Deus, deu tudo certinho. Eu soube contornar esta situação, porque as minhas crianças precisam disso e as mães confiam a mim”.

A *Mata* é um espaço aberto que equivale a 10 campos de futebol e está sendo palco para a volta de jogos e de ações solidárias também. Recentemente, Pichetti fez uma parceria com o projeto

evangélico *Desperta Jovem*, que articulou a doação de uniformes e alimentos para os meninos da Escolinha. O projeto esportivo existe há 22 anos e Pichetti, a cada treino, agradece a oportunidade.

Próxima partida: exercícios on-line

Desde que a Vila Olímpica da Maré (VOM) precisou ter suas atividades presenciais pausadas por causa do novo coronavírus, as redes sociais tornaram-se uma alternativa para dar continuidade nas atividades físicas. A instituição posta videoaulas acessíveis e realizadas por professores. Um ritmo diário de exercícios para os mais de 9 mil seguidores, que têm conteúdos diversos, como atividades aeróbicas, alongamentos, exercícios de respiração, conversas ao vivo e muito mais.

Cátia Simão, coordenadora técnica e esportiva da VOM, acredita que a prática de exercícios em casa é uma ferramenta importante para os moradores e alunos e até para quem não tem este hábito. “Para que a volta às atividades não seja tão brusca, a gente se reinventou *on-line*”, contou em rede social. Assim como na Maré, as outras 25 Vilas Olímpicas estavam fechadas, mas nas últimas semanas de julho a Secretaria de Esportes e Lazer do Rio anunciou a volta das atividades, com medidas de segurança para todos os frequentadores.

A ONG Luta Pela Paz também precisou adaptar os seus conteúdos para vídeos *on-line*, para não deixar seus alunos e seguidores sem praticar exercícios nesse período de isolamento social. É fácil encontrar os professores e instrutores nos grupos de Facebook e WhatsApp.

A tecnologia a favor do físico

A verdade é que, para os *fitness*, a internet se tornou uma grande academia virtual. Nas redes sociais, a série *Criar da Quarentena*, feita pelos próprios alunos da ONG, mostra desafios divertidos e depoimentos de saudade. As transmissões ao vivo também fazem sucesso, principalmente entre os mais conectados. São diferentes temas, convidados e horários. Uma forma de resistir a distância das atividades sem esquecer todos os benefícios que elas oferecem.

Praticar atividades físicas em casa é uma das tendências do Brasil depois da pandemia, segundo pesquisa nacional da Opinion Box. Uma destas atitudes é facilitada para aqueles que têm uma boa conexão com a internet, e até aulas particulares com o acompanhamento de professores, o que não é a realidade da maior parte da população favelada. Por aqui, o presencial faz a diferença.

Aos apaixonados pelo treino na academia, corrida matinal ou até a “pelada” no fim da tarde, é importante reforçar o cuidado. Neste período de retorno, as autoridades reforçam a importância da higiene pessoal e do distanciamento social. São pequenas atitudes de cuidado com a nossa saúde e com a saúde do outro. Da mesma forma que a prática de atividades físicas faz bem, retornar com segurança e ter atenção à sua saúde e a do outro são fundamentais.

Quer fazer atividades físicas sem precisar sair de casa? Confira as aulas dos professores da VOM no

[f @vilaolimpica.damare](https://www.facebook.com/vilaolimpica.damare)

ESTAMOS VOLTANDO!

EM BREVE VOLTAREMOS COM AS NOSSAS ATIVIDADES NA VILA! MAS, É MUITO IMPORTANTE SEGUIRMOS TODOS OS CUIDADOS NECESSÁRIOS PARA A SUA SEGURANÇA E DE TODOS!

ENTÃO LEMBRE-SE SEMPRE DE:



LAVAR BEM AS MÃOS



USAR MÁSCARA



MANTER DISTÂNCIA DE 2 METROS

PARA MAIS INFORMAÇÕES PROCURE A SECRETARIA DA VILA OU O SEU PROFESSOR.

RIO PRESENTURA ESPORTIVA

VILA OLÍMPICA DA MARÉ

Para retorno seguro, VOM divulga no Facebook marcação de horários e recomendações

Do lixo ao luxo, mesmo com a pandemia

Catadores relatam dificuldades, mas não desistem da reciclagem de materiais sólidos

HÉLIO EUCLIDES

Esse ano não teve visita do Coelho da Páscoa, almoço do Dia das Mães, Festa Junina e o presente do Dia dos Pais talvez seja a tradicional canção do Fábio Junior, enviada pelo WhatsApp. A pandemia mexeu com a economia e essas comemorações, assim como outras, não aconteceram e o dinheiro não circulou. Os mais prejudicados são os que conseguem ganhar a vida no mercado informal, na maioria das vezes os que atuam na rua. Um exemplo destes profissionais é o catador de materiais sólidos ou, como desejam ser chamados, “garimpeiros da reciclagem”. Com a pandemia, eles ficaram em isolamento e perderam renda. A reabertura, entretanto, parecia um retorno às atividades e ao lucro, mas estes profissionais encontram a desvalorização nos preços e pouco dinheiro no bolso.

Durante o isolamento social, o Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos da Rede Favela Sustentável organizou uma *live* interativa que desejava saber quais os impactos da pandemia na vida dos catadores. Além de discutirem os principais empecilhos, os catadores enfatizaram as diversas maneiras pelas quais são essenciais para a sociedade, sendo a economia um dos fatores. Os catadores exigem valorização, já que exercem um papel crucial para a reciclagem, sendo agentes ambientais. Eles



Valdemir Gomes é um dos garimpeiros que viu a desvalorização do preço dos materiais nos ferros-velhos

também lembram que a categoria é indispensável na cadeia produtiva e, hoje, o maior desafio é enfrentar a ideia de prefeituras de que o lixo deve ser enterrado ou incinerado. Por fim, destacaram durante o encontro virtual que lixo também é dinheiro e, quando reciclado, gera emprego e renda, mas se vão para o aterro sanitário é despesa e poluição.

Ilaci de Oliveira, da Cooperativa Transvida na Vila Cruzeiro e integrante do Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos da Rede Favela Sustentável, participou da *live*. Ela conta que, com o isolamento social, as pessoas ficaram em casa e se formaram mais materiais sólidos,

mas em compensação o preço para a venda despencou. “Isso prejudica, pois temos de trabalhar mais para conseguir o valor necessário para comprar alimentos e materiais de higiene para casa”, diz.

A catadora afirma que, nesse momento, mais do que em outros, o ideal é a formação de cooperativas de catadores. Ela afirma que montar uma cooperativa não seria tão difícil. O primeiro passo seria ver se tem um grupo que já realiza um trabalho na favela. “Em 2006, convidei duas pessoas que já coletavam resíduos para formalizar, depois vieram mais pessoas, hoje somos 28 mulheres. Nos mobilizamos e conscientizamos a comunidade para a importância de separar os materiais. Nada é impossível, tem de ter uma boa articulação para explicar o trabalho e dividir tudo em partes iguais”, comenta. Ilaci indica que para a formalização da cooperativa é preciso sete pessoas para compor a diretoria e ter os recursos para a documentação.

Outro que participou da reunião virtual foi **Gilberto Batista**,



AJUDE OS CATADORES

A **Rede Favela Sustentável** criou uma campanha unificada do Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos, para apoiar diversos movimentos de ajuda a catadores da cidade do Rio durante a pandemia. Basta seguir #ApoieUmCatador nas redes sociais para obter mais informações.

<https://www.paypal-brasil.com.br/doe/apoieumcatador#all>

A **Cooperativa Transvida** fez uma vaquinha *on-line* em busca de apoio para a compra de produtos de limpeza e alimentos básicos para proteger as famílias dos catadores.

<https://www.vakinha.com.br/vaquinha/apoio-no-combate-ao-coronavirus-na-periferia-ilaci-de-oliveira-luiz>

de 56 anos, fundador do Projeto *Limpa Só Lazer*, no Salgueiro, e integrante do Grupo de Trabalho de Resíduos Sólidos da Rede Favela Sustentável. Ele conta que a pandemia trouxe o medo de se contaminar durante o trabalho, pois além de ficarem expostos nas ruas, os profissionais não têm equipamentos de proteção individual. “Os ferros-velhos ganham, pois compram barato, armazenam e vendem para grandes indústrias. Precisamos que a sociedade valorize o catador, pois nós queremos uma favela limpa. Com o nosso trabalho, diminuem as enchentes”, avalia. Para Gilberto, o governo precisa acabar com as burocracias e trazer incentivos para o catador. “Somado a isso, é necessário acabar com a desunião, na qual cada um caminha sozinho. É indispensável se criar um fórum para que todos tenham entendimentos sobre a profissão, pois o conhecimento liberta”, conclui.

Os catadores da Maré

Vagner Moreira, de 38 anos, trabalha como catador há nove anos com sua carrocinha. Morador da Nova Holanda, ele completa a sua renda com bicos, como descarregar caminhão. Na pandemia, teve de interromper o garimpo, pois as lojas de Bonsucesso, onde atua, ficaram fechadas. Até os ferros-velhos da Maré não funcionavam. Para piorar, o preço de compra era menor quando reabriram.

Ele é um dos inúmeros catadores que trabalham até 12 horas por dia, sem almoço, em ambiente insalubre, carregando o peso dos produtos que recolhe por longos trajetos, debaixo da radiação solar ou de chuva. “Meter a mão no lixo é difícil. As pessoas têm nojo da gente. É uma vida dura, saio de madrugada ou trabalho a noite toda. Por outro lado, é um serviço honesto, onde arrumo dinheiro sem prejudicar o próximo”, diz. Vagner conta que nunca falaram



Sem equipamentos de proteção e com medo do contágio de COVID-19, garimpeiros ficaram sem renda na pandemia

com ele sobre cooperativa. “Acho que seria uma boa para nós, com uma possível parceria para limpar os valões. A legalização seria a oportunidade para receber um benefício, como ter aposentadoria”, explica.

Há sete anos, **Valdemir Gomes** é garimpeiro na Maré. O morador do Rubens Vaz tem 41 anos e reclama que, nessa pandemia, chegou a vender garrafas de refrigerantes por apenas 50 centavos por quilo e plástico duro por 40 centavos. Isso o desmotiva a continuar. “É uma vida dura de ver no lixo uma forma de sustento. Trabalhamos sem banheiro e tentando superar o maior obstáculo que é o preconceito”. Nesse período de pandemia, a força dos catadores veio das instituições e igrejas

que os fortaleceram com alimentos. “Agora precisamos de luvas, botas, máscaras e materiais para higienização”, conta. Valdemir calcula que a Maré tenha uns 500 catadores.

Ele começa no batente na madrugada, às 4h, para pegar as ruas ainda vazias e acredita que ser cooperativado evitaria que o lucro caísse nas mãos dos ferros-velhos. “Eles nos exploram. Nós, que vivemos do material que vendemos, precisamos de orientações e consciência. Esperamos que, após a pandemia, os preços dos materiais aumentem”, diz. Valdemir está tirando todos os documentos e recomenda a todos os garimpeiros que façam o mesmo, pois assim será mais fácil trabalhar legalizado.



De acordo o Censo do IBGE de 2010, existem no Brasil cerca de 398 mil pessoas ocupadas como catadores. A cooperativa EccoVida estima que, passados 10 anos, e com o panorama econômico durante a pandemia, este número possa ser ultrapassado apenas no estado do Rio de Janeiro. A atividade profissional dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis é reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego desde 2002, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

A Lei Nacional de Resíduo Sólido nasceu com o objetivo de promover a gestão dos resíduos sólidos, bem como a inclusão social e valorização profissional dos catadores de materiais recicláveis. A Lei instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, que recomenda ao poder público a implantação de infraestrutura física e aquisição de equipamentos para cooperativas, a disponibilização de postos de entrega de resíduos reutilizáveis e recicláveis e a atuação em parceria com cooperativas ou outras formas de associação de catadores.

Funk: som de preto, de favelado e criminalizado

O ritmo é associado ao crime desde a sua criação, assim como outras manifestações culturais negras

ANDRESSA CABRAL BOTELHO

No mês de julho, a comunidade *funkeira* viu duas situações comuns acontecerem: o MC Poze do Rodo foi acusado de associação ao tráfico e o DJ Rennan da Penha, acusado anteriormente de associação ao tráfico, foi impedido pela Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha de realizar uma *live* na favela. Infelizmente, a criminalização do *funk* é um assunto antigo e recorrente, desde antes dos nomes da nova geração do *funk* nascerem. Poze e Rennan entram para a lista de nomes associados ao crime, como os MCs Junior, Leonardo e Smith, por exemplo, mostrando que o ritmo, assim como outras manifestações artísticas populares ligadas ao povo preto, desde sempre sofre com a discriminação social e racial. Ao longo dos anos, diversas foram as leis para criminalizar aqueles que eram envolvidos com música.

Na virada dos séculos XIX e XX aconteceu com o samba e a capoeira. Aqueles que fossem vistos com um pandeiro nas mãos po-

deriam ser considerados vadios e enquadrados no artigo nº 374 do Decreto nº 847, do Código Penal de 1890, e ficar presos por até três meses. Era considerado vadio aquele que perambulava pelas ruas sem comprovar emprego fixo, e um dos critérios para avaliar a vadiagem era a aparência de criminoso, comumente associada à raça negra. “Nesse cenário, tudo o que advém do corpo preto deve ser combatido pelo Estado, e o Direito Penal é (talvez) o principal mecanismo capaz de permitir ao Estado a contenção dos corpos pretos ao longo da história, ocasionando a criminalização da capoeira, da vadiagem, do samba, do *funk*, e das produções musicais pretas”, observou a advogada **Cássia Dias**.

Em 2017, chegou ao Senado a Sugestão nº 17, que tinha com proposta tornar o *funk* um crime contra a saúde pública de crianças, adolescentes e a família. O empresário paulista Marcelo Alonso, autor da sugestão, alegou que o *funk* era uma “falsa cultura” e que atendia aos interesses

DOUGLAS LOPES



Além de moradores, pessoas de diversas localidades vão para a favela aproveitar os bailes funks

de criminosos. Apesar de receber apoio de mais de 20 mil pessoas, a sugestão de lei não foi aprovada pelo Senado, por cercear a liberdade de manifestação cultural.

Mesmo com mais de 100 anos de diferença entre o Decreto nº 847 e a Sugestão nº 17/2017, é possível notar que o alvo continua sendo o mesmo: manifestações ligadas a negros, pobres e moradores de regiões populares da cidade. “Desde que as pessoas pretas se tornaram objetos, todas as suas particularidades foram usurpadas, com especial atenção para o aspecto cultural, que além de união traz consigo lutas políticas”, destacou Cássia.

Quem pode fazer funk?

Em julho, o deputado estadual Rodrigo Amorim lançou um projeto de lei que visa transformar o *funk* em patrimônio cultural do Estado, mas em uma rede social, ele falou que desconsiderava o *funk* de comunidade como parte desse patrimônio. “Se ele excluiu a favela, então não tem como nós, moradores

e *funkeiros*, sermos beneficiados [com a lei]. Os bailes financiam muitos moradores, geram empregos, porque quem é morador da comunidade vai gastar aqui. Quem é de fora vai vir para gastar aqui. Então, o capital fica circulando dentro da comunidade”, avaliou **Renan Valle**, DJ residente do Baile do P.U., no Parque União.

Renan e Cássia concordam que a criminalização do ritmo acontece também porque o baile na favela não gera renda para o estado ou município. Há eventos de *funk* em casas de *shows*, com ingressos e bebidas caras, que não são proibidos ou criminalizados como os bailes. “O grande aspecto criminalizador do ritmo se relaciona à raça e à classe dos agentes culturais envolvidos”, observou a advogada.

Enquanto muitos enxergam o ritmo como um problema, Renan vê como um retrato de sua vida: “O *funk* sofre junto comigo diariamente, sendo criticado e sofrendo preconceito. O que seria de mim se não fosse o *funk*?”, conclui.

DOUGLAS LOPES



DJ Renan Valle, residente do Baile do P.U., é um dos agentes culturais da Maré

ARTES VISUAIS

Lipe Silva é um “artista preto que desenha pretos”, como ele mesmo descreve em seu perfil no Instagram. O *feed* do desenhista é repleto de personagens famosos redesenhados com diversas tonalidades de pele negra diferentes e traços culturais. [instagram.com/lipeilustraartes/](https://www.instagram.com/lipeilustraartes/)

Outra fera das artes visuais que expõe seus desenhos no Instagram é a **Tay Cabral**, que ainda incorpora informação nos trabalhos. Seu foco também é ilustrar vidas negras, principalmente femininas. O sucesso da sua trajetória levou a artista e comunicadora a criar uma arte para uma nova série da Netflix. [instagram.com/taycabral/](https://www.instagram.com/taycabral/)

FOTOGRAFIA

Os olhares dos moradores da Maré estão sendo publicados no perfil **A Maré de Casa**. Moradores enviam fotos do seu dia a dia durante o isolamento e as mais votadas são exibidas no Instagram. [instagram.com/amaredecasa/](https://www.instagram.com/amaredecasa/)

Respeitando o

isolamento social, a equipe do projeto de fotografia em estúdio **Favelamona** está em casa, mas o acervo de fotos do Favelamona, mostrando as diversas belezas da favela, vale ser conferido e apreciado. [instagram.com/favelamona/](https://www.instagram.com/favelamona/)

ARTISTAS QUE BRILHARAM NA LIVE DA REDES DA MARÉ SOBRE O MÊS DA VISIBILIDADE LGBTQIA+RAFIA

A cantora e atriz **Preta Queen Be** mostra o seu trabalho artístico em seu perfil, participando ainda de *lives* discutindo arte e cultura LGBTQIA+. [instagram.com/pretarainhabe/](https://www.instagram.com/pretarainhabe/)

Bailarina e *drag queen*, a artista **Charlotte Milu** utiliza sua conta no Instagram para divulgar suas *performances* e vivências no território da Maré. [instagram.com/milu.charlotte/](https://www.instagram.com/milu.charlotte/)

CULTURA E INFORMAÇÃO

O **Grupo Conexão G**, ONG que atua na Maré pautando as vivências faveladas e promovendo luta por direitos LGBTQIA+. Durante a pandemia, o Conexão G vem trazendo uma série de *lives* e *posts* cheios de informações e

dados. [instagram.com/grupoconexaog/](https://www.instagram.com/grupoconexaog/)

A série **#BibliotecaIndica**, do Colégio Pedro II, dá dicas de atividades, leituras, curiosidades e vários outros conteúdos bacanas, para quem adora descobrir coisas novas. [instagram.com/cp2oficial/](https://www.instagram.com/cp2oficial/)

O *talk-show* **#TitiShow** do educador Thiago Reis traz vários assuntos atuais em conversas com especialistas. [instagram.com/titimeajuda/](https://www.instagram.com/titimeajuda/)

O coletivo **Pais Pretos Presentes** difunde discussões e reflexões sobre pais e mães pretos/as e seus desafios de maneira afetuosa e informativa. [instagram.com/paispretos/](https://www.instagram.com/paispretos/)

Para quem não vê a hora de voltar para os museus, o **Instituto Moreira Salles** ajuda a amenizar essa vontade, disponibilizando várias exposições completas no *site* do **#IMSdeCasa**. [ims.com.br/de-casa/](https://www.ims.com.br/de-casa/)

O museu virtual **Museu dos Meninos**, que conta histórias de jovens do Complexo do Alemão, reabre com a série de visitas

guiadas “Arqueologias do Futuro”, a partir do dia 5 de agosto. É possível acompanhar a série pelo Instagram. [instagram.com/omuseudosmeninos/](https://www.instagram.com/omuseudosmeninos/)

MÚSICA

O historiador Ivan Lima indica grandes obras da música popular brasileira, com vídeos que contam a história por trás de cada disco, no seu canal **O Que Cresci Ouvindo**. [instagram.com/oquecresciouvindo/](https://www.instagram.com/oquecresciouvindo/)

O projeto **Arte em Cena**, do SESC, foi lançado em julho, com *lives* de música toda quarta-feira, às 19h, e para o público infantil aos sábados, sempre às 15h, no YouTube. [youtube.com/user/portalsescrio](https://www.youtube.com/user/portalsescrio)

Para os amantes de forró, o **Baile na Toca** tem agitado os sábados com os DJs residentes Roger e Darwin Orlan (RJ) e Preta (BA), sempre recebendo DJs e músicos convidados do País. É possível acompanhar a *live* pelo YouTube e participar pelo Zoom. <https://www.instagram.com/bailenatoca/>

Delícias que cabem no bolso

Já que muitas crianças ainda estão em casa sem poder ir para a escola, que tal preparar um lanche rápido e gostoso? O bolinho de chuva agrada os pequenos e os adultos também, além de ser bem fácil de preparar.

BOLINHO DE CHUVA

Ingredientes:

- 1 ovo
- 1/2 xícara (chá) de leite
- 1/2 xícara (chá) de açúcar
- 1 e 1/2 xícara (chá) de farinha de trigo
- 1 colher (chá) de fermento químico em pó
- Óleo para fritar
- Açúcar e canela para polvilhar

Preparo:

1. Misture todos os ingredientes até virar uma massa homogênea.
2. Aqueça o óleo em fogo médio.
3. Use uma colher para colocar a massa na fritura.
4. Retire do óleo quando os bolinhos estiverem dourados e passe no açúcar e canela.

PAINEL DOS INVISÍVEIS

A partir do boletim *De Olho no Corona!* nasce o “Painel dos Invisíveis”. Produzido pelo Maré de Notícias, o painel traz um mapa das 16 favelas da Maré com um perfil dos moradores com sintomas de coronavírus e mortes suspeitas, tudo com recorte de idade, gênero e raça. O mapa é atualizado semanalmente junto com os dados do boletim. Visite o painel e acompanhe os números:

<https://mareonline.com.br/coronavirus/painel-dos-invisiveis>

Painel dos INVISÍVEIS



SUDOKU

Preencha os espaços vazios com algarismos de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir nas linhas verticais e horizontais, nem nos quadrados menores (3x3).

© Revistas COQUETEL

www.coquetel.com.br

		2		9	3			
					7			
		3				5		7
3	1		5		2			
6				1				8
			6		8		5	2
1		4				7		
			3					
			8	2		6		

Solução

5	3	7	8	2	4	6	9	1
2	9	8	1	7	3	5	6	4
1	8	4	9	6	5	7	2	3
3	7	2	3	9	8	1	5	4
4	2	5	3	6	1	8	7	9
8	2	5	4	9	6	7	3	1
9	1	8	5	2	7	4	6	3
3	1	8	5	4	2	9	7	6
6	4	3	8	2	6	5	1	7
7	6	1	4	5	7	2	3	8
4	7	5	2	1	9	3	8	6

Sudoku
O MELHOR DO BRASIL

COQUETEL

www.coquetel.com.br

	1		5		2		3	
5								9
			9		3			
9	3					6		4
6	7						1	8
			3		1			
8								7
	5		4		8			1

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Envie suas sugestões de reportagem e colabore para o jornal que a Maré tem. Entre em contato pelo Zap:

(21) 97271-9410